



REDAÇÃO

2ª SÉRIE
Prof. DIOGO

Lista:

02

Data: __ / __ / 2026

Aluno (a):

Nº

Texto I

Os países que garantem licença menstrual em lei

A Espanha tornou-se o primeiro país ocidental a oferecer licença médica para mulheres que sofrem com fortes cólicas menstruais. A lei, que foi aprovada por 185 votos a favor e 154 contra, tem como objetivo quebrar o tabu em relação ao tema. “É um dia histórico para o avanço feminista”, tuitou a ministra da Igualdade da Espanha, Irene Montero, que diz que a medida é um movimento para resolver um problema de saúde que foi amplamente varrido para debaixo do tapete. A legislação permite a funcionárias que sofrem com cólica menstrual tirar o tempo que for necessário — mas, assim como nas licenças médicas remuneradas por outros motivos de saúde, é exigido um atestado médico. A duração da licença não está especificada na lei. São poucos os países ao redor do mundo que garantem legalmente alguma forma de licença menstrual para mulheres no mercado de trabalho — a maioria está na Ásia, incluindo Japão, Taiwan, Indonésia e Coreia do Sul, além da Zâmbia. A primeira legislação sobre licença menstrual remonta à União Soviética, onde foi introduzida em 1922. Os defensores da medida dizem que é tão importante para as mulheres quanto a licença-maternidade, como um reconhecimento de um processo biológico básico. Mas os críticos afirmam que reforça estereótipos negativos e pode até desencorajar alguns empregadores de contratar mulheres.

Fonte: G1

Texto II

O enfrentamento da pandemia do novo coronavírus colocou no centro do debate a forma como organizamos nosso cuidado, quais são as prioridades e os próximos passos para garantir saúde a toda a população brasileira. Diante deste cenário, há uma questão estrutural que, muitas vezes, é deixada de lado quando pensamos atendimento em saúde: a garantia do bem-estar da mulher e o combate à violência contra essa minoria presente nos procedimentos da saúde.

O fato é que os instrumentos que temos para garantir saúde às mulheres – seja para lidar com agressões físicas e psíquicas sofridas ou para garantir um parto seguro e seus direitos reprodutivos – normalizam a violência, agravando um problema da sociedade que o atendimento, nesse contexto, deveria atenuar. A persistência de práticas violentas contra as pacientes no serviço de saúde é uma questão complexa e multifacetada, cujo enfrentamento demanda reflexão e ação conjunta de todos aqueles envolvidos nas muitas esferas de cuidado – desde aqueles que atuam diretamente no atendimento até a organização institucional.

É importante ter em vista que debater como as mulheres vítimas de agressões são recepcionadas e tratadas nas unidades de saúde não é uma questão residual. Estudos apontam que a violência conjugal constitui a maior causa de lesão corporal nas emergências, mais do que acidentes de carro. Todavia, muitas vezes, os encaminhamentos para uma fratura, por exemplo, mostram-se semelhantes nos dois casos: para o médico, pouco interessa o contexto do ferimento (o que importa é o dano feito ao corpo, e não como esse dano foi causado).

Não podemos nos esquecer também daquelas mulheres que buscam atendimento em saúde por outros motivos. Se não há no equipamento de saúde um ambiente acolhedor, aquela cidadã pode entrar e sair sem conseguir falar em voz alta sobre seu incômodo, reforçando uma outra face da violência: a de que ela deve enfrentar suas dores sozinha e, principalmente, em silêncio.

Estes descasos são o que, muitas vezes, impede que o tratamento seja efetivo. Ao focar apenas no agravo físico e nos mecanismos para garantir que a mulher saia daquele atendimento com vida, costurada e atada, não se pensa em uma estratégia que leve ao seu empoderamento, que a ajude a superar o trauma e que impeça sua reincidência. Devemos nos perguntar, então, quais as causas motivações desse descaso. Por um lado, há a forma como o profissional de saúde enxerga aquela mulher e, por outro, há como ele lida com a agressão que ela sofreu. Quanto mais o profissional for preparado para enxergar apenas o corpo da vítima de violência, menos capacitado vai estar para avaliar o contexto do ataque e incluí-lo no tratamento.

Além disso, a concepção ideológica dos profissionais acerca do ocorrido também é determinante: leituras do papel tradicional da mulher como “submissa” ou “responsável” pela agressão reforçam a violência na prática assistencial. Não é incomum as vítimas deixarem de buscar ajuda após um ato de violência sexual, por exemplo, face ao medo de serem humilhadas por médicos e enfermeiros. Abundam também casos de mulheres que, após serem mal recepcionadas nos equipamentos de saúde, deixam de perseguir outras vias de enfrentamento à violência – como o processo jurídico.

Fonte: Brasil de Fato

Texto III

Pobreza menstrual: 1 em cada 4 meninas de até 19 anos em Campinas relata falta de acesso a itens de higiene, diz estudo inédito

Um levantamento realizado pelo Centro de Referência e Apoio à Mulher (Ceamo), órgão vinculado à Secretária Municipal de Assistência Social, apontou que uma em cada quatro meninas de 10 a 19 anos de Campinas (SP) não tem acesso a itens de higiene menstrual. É a primeira vez que um estudo como esse é realizado na metrópole. Durante a pesquisa, foram ouvidas 79.036 jovens dessa faixa etária, e 19.759 delas relataram que convivem com o problema. Ou seja, exatos 25% do total. Como agravante, o balanço ainda mostra que cerca de 2 mil deixaram de frequentar a escola por não terem absorvente. Vandecleya Moro, secretária de Assistência Social, reconheceu que o dado chama a atenção. Para ela, o retrato expõe a necessidade de políticas públicas mais eficientes sobre o tema. “É um dado que chama a atenção, e chama a atenção para que tenhamos políticas públicas que atinjam essa população. Muitas famílias que não passavam por situação de vulnerabilidade por privações, passaram a enfrentá-las. E essas famílias que não têm acesso a alimento também deixam de ter acesso a produtos de higiene.”

Personificação do problema

Sem se identificar, uma moradora relatou à EPTV, afiliada da TV Globo, que não tem condições de comprar os itens básicos de higiene para ela nem para a filha de 13 anos. “Não tem como. É muito difícil, tem que ter um 'rebolado' porque é muito difícil mesmo. Não é todo mês que você tem para comprar, nem absorvente, nem xampu, nem condicionador. Nem dividindo, não tem como”. O problema leva mulheres a passarem por situações constrangedoras, como conta Débora. “Já cheguei a entrar em uma farmácia e pedir. Falei: 'moça, aconteceu um acidente, e não tenho dinheiro'. A moça falou: 'vou te ajudar, coloco aqui do meu bolso no caixa'. Já cheguei a fazer isso. Antigamente, a gente usava um paninho e jogava fora. Mas é triste.”

Fonte: G1

Texto IV

Simone de Beauvoir: o que é ser mulher?

Simone de Beauvoir tinha 41 anos quando publicou “O Segundo Sexo”, em 1949. Já naquela época, a obra levantou inúmeras polêmicas. Uma das principais acusações é que Simone ridicularizava os homens. Isso é uma acusação que muitos usam contra o feminismo. Porém, as pessoas parecem não querer compreender o que realmente se passa na vida das mulheres e como todo o poder está concentrado nas mãos dos homens. “O Segundo Sexo” não é uma fonte historiográfica para conhecer a história da mulher desde a Antiguidade. É uma obra de inspiração, fundamental para descortinar a maneira pela qual as mulheres são criadas justamente para serem menos que os homens. Você pode baixar “O Segundo Sexo” em .pdf no blog Livros Feministas.

Lendo algumas das críticas que foram feitas a “O Segundo Sexo”, muitas parecem absurdas, mas ainda lemos opiniões conservadoras e moralizantes em diversos cadernos de opinião da mídia brasileira, especialmente quando se trata da sexualidade feminina. Entre seus críticos estava François Mauriac, escritor francês, que, em uma de suas enquetes no “Figaro Littéraire”, perguntou: “Estaria a iniciação sexual da mulher no seu devido lugar no sumário de uma revista literária e filosófica séria?”. A questão dividiu os intelectuais. Para muitos, “O Segundo Sexo” é um “manual de egoísmo erótico,” recheado de “ousadias pornográficas”; não passa de “uma visão erótica do universo”, um manifesto de “egoísmo sexual.” Jean Kanapa insiste: “Mas sim, pornografia. Não a boa e saudável sacanagem, nem o erotismo picante e ligeiro, mas a baixa descrição licenciosa, a obscenidade que revolta o coração.” A polêmica mistura tudo. A contracepção e o aborto são ligados nas mesmas frases às neuroses, ao vício, à perversidade e à homossexualidade. Segundo uma carta da enquete, “a literatura de hoje é uma literatura de esnobes, de neuróticos e de impotentes”. Claude Delmas deplora “a publicação por Simone de Beauvoir dessa enjoativa apologia da inversão sexual e do aborto”. Pierre de Boisdeffre em Liberté de l’esprit assinala “o sucesso de O Segundo Sexo junto aos invertidos e excitados de todo tipo”. Leia mais em “O Auê do Segundo Sexo, de Sylvie Chaperon”, publicado no Cadernos Pagu 12, de 1999.

Nenhuma obra, literária ou acadêmica, de Simone de Beauvoir foi recebida com indiferença. Sua principal contribuição é sempre propor a discussão democrática e as rupturas das estruturas psíquicas, sociais e políticas. Por ser escrito por uma mulher e para mulheres, “O Segundo Sexo” levanta diversas questões, até mesmo no meio literário. Há muito tempo a literatura classificada como feminina é sinônimo de textos sem grande aprofundamento teórico. Além disso, não era comum tratar de assuntos como sexualidade, maternidade e identidades sexuais, mesmo na França do pós-guerra.

Fonte: Geledes.org

Texto V

Número de mortes de mulheres por hipertensão supera câncer da mama e AVC, diz estudo

O número de mortes de mulheres por hipertensão arterial, no Brasil, deu um salto entre 2019 e 2021, de acordo com um relatório feito pelo Observatório da Saúde Cardiovascular do Instituto Nacional de Cardiologia (INC), que é vinculado ao Ministério da Saúde.

Houve um aumento de 41% nos óbitos por hipertensão entre 2019 e 2021 —os números foram de 14.178 para 20.027 por ano. Em 2020 e 2021, a doença foi a quinta causa de morte mais frequente entre a população feminina, superando o câncer de mama e o acidente vascular cerebral.

Segundo o relatório, a morte por hipertensão é mais frequente entre as mulheres do que entre os homens. Como a incidência e a mortalidade da doença está associada à idade, os números, até então, apresentavam um aumento gradual. Houve, entretanto, uma aceleração significativa dessa mortalidade nos últimos dois anos analisados pelo relatório.

O médico Bernardo Rangel Tura, pesquisador do Observatório de Saúde Cardiovascular, avalia que esse aumento pode estar associado à diminuição no acesso ao tratamento da doença no período da pandemia.

Os tratamentos ofertados pelo SUS (Sistema Único de Saúde), segundo ele, são eficazes em conter a mortalidade por hipertensão.

“O motivo provável é a dificuldade de acesso aos profissionais de saúde, bem como a dificuldade de acesso ao tratamento. Com a questão da epidemia e a modificação na priorização dos gastos, tivemos dificuldade de acesso aos medicamentos”, esclarece.

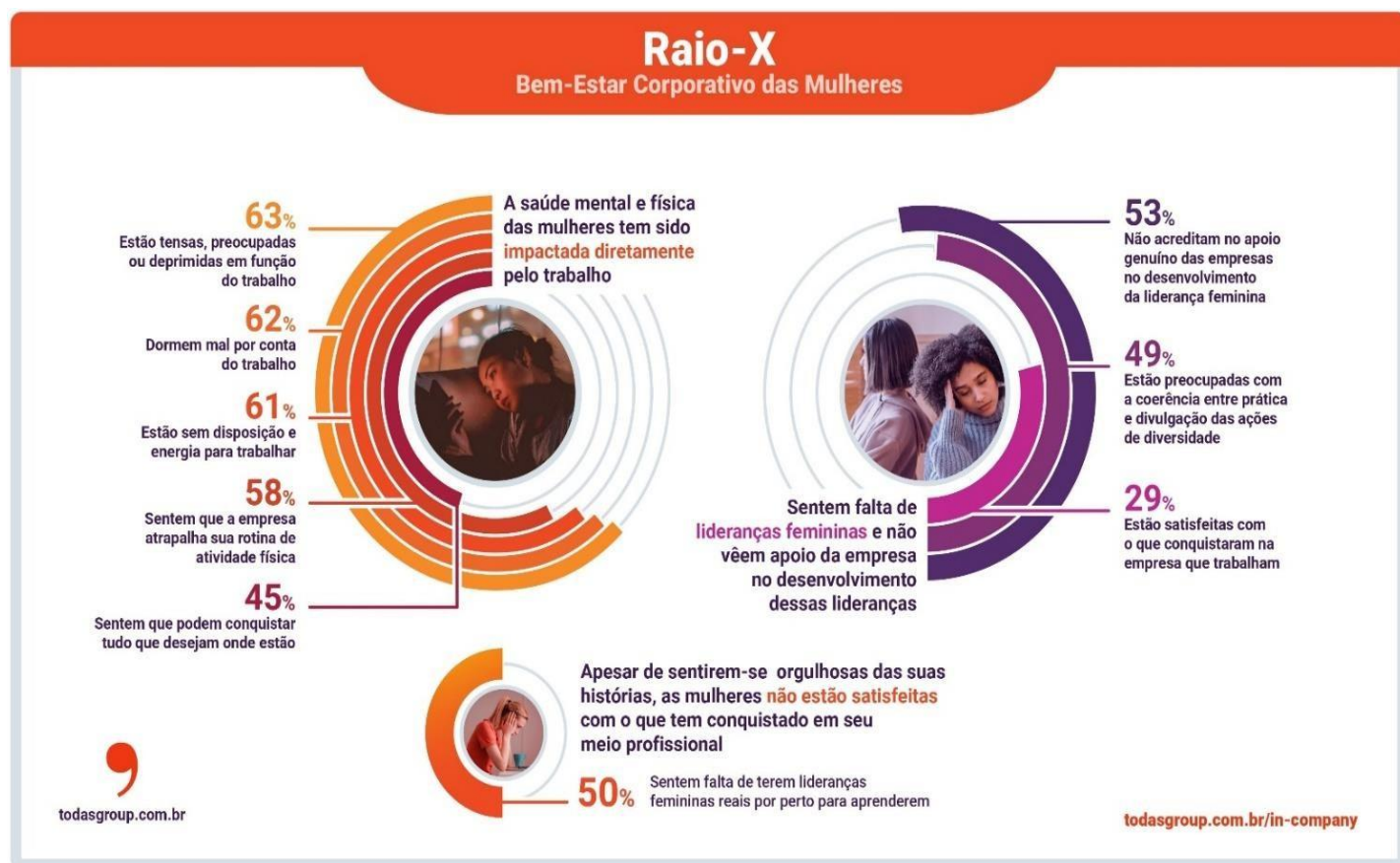
O relatório também mostra o impacto da Covid-19 nas estatísticas de mortalidade. Em 2020 e 2021, o coronavírus foi a maior causa de morte entre as brasileiras, superando o infarto agudo do miocárdio e a pneumonia, que lideraram o ranking nos anos anteriores, seguidas pelo câncer de mama, acidente vascular cerebral e causas mal definidas.

Em 2020 e 2021, o câncer de mama e o acidente vascular cerebral nem sequer estiveram entre as cinco causas de morte mais frequentes. Depois da Covid, vieram, nesta ordem, mortes por infarto agudo do miocárdio, causas mal definidas, pneumonia e hipertensão.

O estudo, intitulado “Evolução da mortalidade cardiovascular em mulheres”, será publicado nesta quarta-feira (8), Dia Internacional da Mulher.

Fonte: Folha de S. Paulo, por Mônica Bergamo (jornalista)

Texto VI



Fonte: Índice de Bem-Estar Geral

Texto VII

Conselhos para a mulher forte (Gioconda Belli, Nicarágua, 1948)

Se és uma mulher forte

te protejas das hordas que desejarão almoçar teu coração.

Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:

se vestem como culpas, como oportunidades, como preços que se precisa pagar.

Te cutucam a alma; metem o aço de seus olhares ou de seus prantos até o mais profundo do magma de tua essência



não para alumbrar-se com teu fogo senão para apagar a paixão
a erudição de tuas fantasias.

Se és uma mulher forte

tens que saber que o ar que te nutre carrega também parasitas, varejeiras,
miúdos insetos que buscarão se alojar em teu sangue e se nutrir do quanto é sólido e grande em ti.

Não percas a compaixão, mas teme tudo que te conduz a negar-te a palavra, a esconder quem és,
tudo que te obrigue a abrandar-se

e te prometa um reino terrestre em troca de um sorriso complacente.

Se és uma mulher forte prepara-te para a batalha:

aprende a estar sozinha

a dormir na mais absoluta escuridão sem medo

que ninguém te lance cordas quando rugir a tormenta a nadar contra a corrente.

Treine-se nos ofícios da reflexão e do intelecto. Lê, faz o amor a ti mesma, constrói teu castelo o rodeia de fossos
profundos

mas lhe faça amplas portas e janelas.

É fundamental que cultives enormes amizades que os que te rodeiam e queiram saibam o que és

que te faças um círculo de fogueiras e acendas no centro de tua habitação uma estufa sempre ardente de onde se
mantenha o fervor de teus sonhos.

Se és uma mulher forte

se proteja com palavras e árvores

e invoca a memória de mulheres antigas.

Saberás que és um campo magnético

até onde viajarão uivando os pregos enferrujados e o óxido mortal de todos os naufrágios.

Ampara, mas te ampara primeiro. Guarda as distâncias.

Te constrói. Te cuida. Entesoura teu poder. O defenda.

O faça por você.

Te peço em nome de todas nós.

DISSERTAÇÃO ENEM: Com base na leitura dos textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema “**A ampliação de políticas públicas voltadas à saúde da mulher no Brasil**”, apresentando proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.